

Ministério do Turismo e MedSênior apresentam

MORRO DO PAPAGAIO

ARTES^e CONTOS^e QUE ENCANTAM

Maria Luiza Viana, Maryana Jácome e Júlio Fessô
(organizadores)





Belo Horizonte
2021

**Morro do Papagaio:
Artes e Contos que Encantam**

Organizadoras:

Maria Luiza Viana
Maryana Jácome

Dezembro de 2021

Projeto Gráfico:

Maria Luiza Viana

Capa:

Desenho e tipografia: Fabiano Valentino
Criação: Maria Luiza Viana

O Morro do Papagaio é uma das mais antigas e mais populosas favelas de Belo Horizonte.

Sua ocupação teve início no período anterior à implantação da capital do Estado de Minas Gerais e acelerou-se ao longo das primeiras décadas do século XX. Estima-se, atualmente, que cerca de quatro mil famílias residam no local.

Possui uma rica e diversificada produção artística e cultural que inclui, artistas, grupos e manifestações de vários segmentos tradicionais e contemporâneos.



SUMÁRIO

1 *Lutas, Conquistas e Superação*

Cruzolina de Jesus
Dávila Rocha
Dona Marta
Maria Aparecida Evaristo
Flávia Rocha Silva
São Antônio
Raimundo da Copasa
Júlio Fessô

2 *Memória, Fé e Ancestralidade*

Dona Fia
Fábio Evaristo
São Eudes e Dona Graça
Congado: Afirmação de um povo

3 *O Morro em Letras, Imagens e Cores*

Catarina Gonçalves
Leidiane Vital
Alexsander Trigger
André Felipe
Fabiano Valentino
Leandro Duarte Beca
Ramon Paixão

4 *As Crianças e o Morro*

Alice Emanuell dos Santos
Andryan Junio Campos
Deborah Vitória Silva
Nathaly Cristina Cunha
Thalita Jesus Fernandes
Ysabella Antônia Santos

MORRO DO PAPAGAIO



Ler sobre o Morro do Papagaio, na visão de quem ajudou a construir a Favela é algo divino. Muitos dos que deixaram seus relatos aqui, foram e são inspiração pra mim e pra muita gente. Eu cresci vendo esse pessoal lutando bravamente por dias melhores.

Em cada Arte e Conto que encantam, os autores e artistas são os próprios personagens que se misturam com a própria história da comunidade.

Não posso deixar de dizer também da importância das parcerias firmadas com voluntários e voluntárias de fora da “quebrada” que com o tempo e com relevantes contribuições, se tornaram parte da nossa história. São pessoas que por um motivo ou outro, se identificaram com as nossas questões e em especial com a desigualdade social, e nos ajudam a desembolar as “paradas” aqui dentro.

Este livro é um exemplo dessas parcerias que ao longo dos anos, vêm dando certo. Espero que você goste do que vai ler e ver nas páginas a seguir.

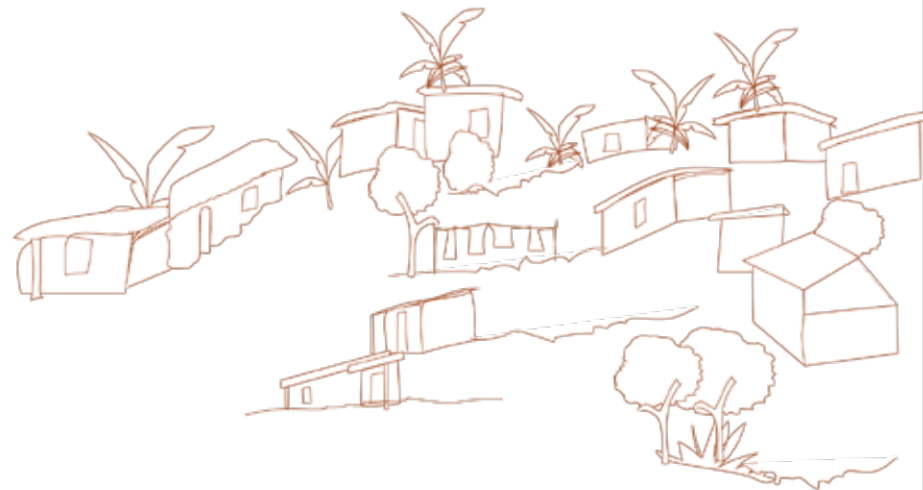
Júlio Fessô
Coordenador da Rua do Livro – Morro do Papagaio
e do Movimento Eu Amo Minha Quebrada

Este trabalho reúne relatos, poemas, desenhos, pinturas e fotografias que expressam vivências, dificuldades, sonhos, alegrias e esperanças, de idosos, jovens e crianças do Morro do Papagaio. São memórias e histórias vivas, antigas e novas, transformadas em letras e imagens.

É uma iniciativa do *Projeto Rua do Livro*, uma organização de moradores do Morro do Papagaio e parceiros que desde 2018 atua com atividades de leitura, voltadas para essa comunidade. Surgiu durante o período da pandemia, como forma de incentivar, sobretudo os idosos, a compartilharem histórias vividas nessa comunidade.

Contou com recursos da Lei Federal de Incentivo à Cultura, através da Mostra da Diversidade Cultural: Imagens da Cultura Popular RMBH, realizada pela ONG *Favela é Isso Aí*, *MedSênior*, Secretaria Especial da Cultura do Ministério do Turismo, Governo Federal – Pátria Amada Brasil.

Equipe do Projeto Rua do Livro Morro do Papagaio



LUTAS, CONQUISTAS E SUPERAÇÃO

Moradores(as) do Morro do Papagaio, contam suas memórias, saberes e vivências nessa comunidade.

São lembranças de lugares e histórias de pessoas que vivenciaram lutas, dificuldades, afetos, conquistas e alcançaram a superação.

Relatos que traduzem suas falas reais, transcritas literalmente para essa publicação.

CRUZELINA DE JESUS

Atriz e dona de casa



Eu nasci aqui em 18 de agosto de 1963. Aqui era tudo mato. Minha mãe veio pra cá grávida da minha irmã mais velha, já falecida. Crescemos no Morro, quando ainda tinha poucos moradores. Lembro que tinha o depósito de Seu Neno, tinha o Bode, o Ladrão e o Divino. E tinha 3 campos de água. E, tem um riacho ainda, onde nós lavava roupa, tomava banho, depois punha as roupas na bacia e voltava pra casa.

E nós brincava de carrinho de rolimã, papagaio, pipa, bolinha de gude. Nós não tinha boneca, nós fazia boneca de milho, pegando o cobertor da minha mãe pra fazer boneca de pano. Nós ficava na rua até 11 horas da noite na terra, porque nós tinha tempo de brincar e nada incomodava a gente. Hoje os meninos não pode fazer isso mais.

Eu quero contar aqui sobre o teatro na Casa do Beco. É uma atividade muito boa para nós hoje. Que começou assim: Eu fui lá no CRAS Santa Rita em 2011, depois que operei o joelho. Aí eu fui lá caçar uma coisa pra fazer, como um artesanato. E lá, aprendi a fazer teatro. Eram 20 mulheres. Depois, eles convidou nós pra vir pra Casa do Beco.

E vai fazer 11 anos que nós tamo fazendo teatro na Casa do Beco. A mais nova sou eu, vou fazer 58 anos. Tem senhoras de 80, 83, 85.

E sou a única do grupo de teatro que nasceu aqui.

**Vale a pena a gente fazer teatro.
Eu aconselho, porque o teatro é de
todas as idades.**

Todo mundo vinha de outro lugar. A gente faz ginástica pra depois ensaiar, tem brincadeiras, música e gesto. E o ensaio costuma ir até tarde. É uma coisa assim a peça: a gente faz papel de criança, de adolescente, tem noiva, tem mulher grávida, menino, homem. No primeiro teatro que a gente fez no CRAS, eu fiz o papel de homem, e a Du era minha esposa. Outro papel que fiz, foi o de buscar água no ladrão, eu saía as 4 horas da manhã pra buscar água, eu fazia o papel de grávida.

Em 2011 nós começamos a apresentar. Uma vez a gente apresentou 10 dias direto, dia sim, dia não. Apresentamos no Palácio das Artes, em Contagem, em Betim, e fomos em São Paulo, fizemos teatro lá 5 dias.

Vale a pena a gente fazer teatro.

Eu aconselho, porque o teatro é de todas as idades, e ninguém tem mais esse problema de saúde que tinha antes.

É muito bom poder fazer coisas maravilhosas, como o nosso teatro!



DAVILA ROCHA

Liderança comunitária da Vila Estrela



Pra mim não tem nada melhor do que me chamarem de Da Vila. Aqui fui nascida e criada. É onde os meus avós criaram os meus pais. Eu criei minhas filhas, é onde eu tô criando os meus netos.

Minha família é centenária aqui. A família, da minha mãe foi uma das primeiras a virem para a Vila Estrela. Eles vieram subindo até ficarem aqui neste pedaço. A minha vó era Dona Tuca e o pai dela, Antônio Pedro que era o responsável por cuidar da Vila Isabel, a Fazendinha, lá embaixo. E a família por parte do meu pai, minha avó, era feirante e criava porcos aqui na Vila Estrela, era conhecida por Maria dos Porcos.

O meu envolvimento com o trabalho comunitário começou quando a minha família perdeu a casa.

Eu tinha uns 17 a 18 anos. Numa madrugada quando assustamos, a casa estava desmanchando, por uma chuva muito forte. E aí, a gente teve que se abrigar na casa da minha avó, onde ficaram 15 pessoas em 4 cômodos. E aí, a gente aprendeu a dividir com o próximo, a dividir o feijão, a roupa, o fogão de lenha.

Quando você perde roupa, alimento, móveis, parece que o mundo acaba, e só fica o fato de estar todo mundo junto. Mas isso me deu força para aprender e ajudar minha família. E junto com outras pessoas que também perderam tudo, começamos a buscar ajuda, doação de alimentos de roupa. E foi onde começou a minha história de envolvimento e de mobilização. Pois, era muito barranco descendo, muita pinguela de madeira, muito telhado voando e a Vila Estrela não tinha representante, não existia uma Associação aqui.

Contamos com a ajuda de pessoas na SUDECAP e da Associação da Vila Santa Rita de Cássia. Foi feito um mutirão e levantaram de novo as casas.

A partir daí, eu comecei a fazer alguma coisa diferente, a socorrer e ajudar as famílias aqui na Vila.

E comecei também a participar de um movimento de vilas e favelas, e pude conhecer outros líderes de favelas na cidade.

Aí veio o Orçamento Participativo que abriu portas para a comunidade ser ouvida. A gente estava à frente, e eu, como moradora, não como representante de Associação, porque como moradora, nascida e criada aqui, as pessoas sempre confiaram em mim, porque realmente conheço bem, e falo sobre as necessidades das pessoas daqui.

O povo perguntava: Dávila você é presidente de Associação ? E na verdade, eu nunca fui.

Eu nunca precisei de ser chamada de presidente, eu gosto de ser chamada de Dávila ou Da Vila.

Quando me chamam de Da Vila eu adoro, eu sei que eu tenho um pedaço aqui. Porque aqui é o meu pedaço. Para mim, não tem nada melhor do que me enxergarem como Da Vila. Aqui fui nascida e criada. É onde os meus avós criaram os meus pais. Eu criei minhas filhas, é onde eu tô criando os meus netos. A Vila é um pedaço meu. E eu falo com o pessoal: Se você hoje não tá pisando no esgoto aqui, é porque a Da Vila aqui, não foi sozinha, lutou por isso. Toda urbanização que a Vila tem hoje foi impacto do que a gente fez antes.

Eu sou apaixonada por isso aqui. Isso aqui é minha vida, aos trancos e barrancos, com altos e baixos. eu não me enxergo longe daqui.

DONA MARTA

Rerefência comunitária



Tudo aqui foi com muita luta de muitos moradores. Muitos guerreiros, muitas guerreiras.

É com muita alegria que eu comento esses segredos e a história da minha vida.

Eu sempre fui da luta e sempre gostei de ajudar as pessoas. Isso veio de dentro do meu coração.

A gente lutou muito e conseguiu muita coisa.aqui.

Eu era mãe crecheira,. Foi um modo que a gente achou de ajudar as mães que precisavam trabalhar. A gente conseguia trabalho para as mulheres, mas elas não tinha onde deixar as criança. Com a ajuda da LBA cheguei a cuidar de 14 crianças aqui na minha casa.

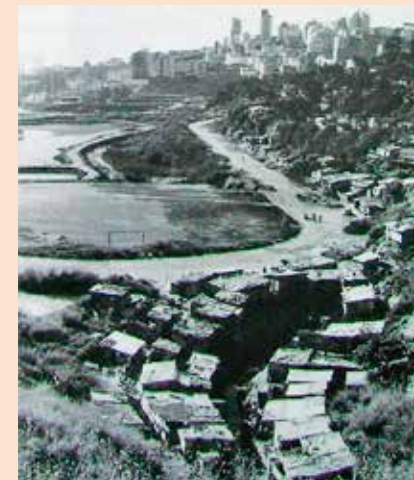
Tinha uma época que a gente era um grupo de 46 mulheres moradoras, sofredoras, guerreiras.

A gente reunia para decidi nossas coisa, se juntava para lutar para as melhorias.

A minha história aqui começa asim. Meu pai veio da Bahia, de Ilhéus, veio para trabalhar aqui em Belo Horizonte como tratorista, abrindo estradas. Primeiro lugar que ele abriu é onde tem o apelido de Xuá. E eles desceram, abriram a BR toda, o Viaduto das Almas, e acabou aqui no fim da Contorno. Depois fundaram a Barragem que é a nossa lagoa. Eles foram abrindo tudo, deixando um espaço bom, onde foi feito os campos de futebol. Alí a gente tinha um lazer, tinha mina pra gente tomar banho, inclusive ainda tem essa parte lá, onde as crianças brincam e se alegram e aproveitam o lazer lá.

As vezes a tarde, antes de escurecer eu gosto muito de ir lá e ficar debaixo das arvores, lembrando meu pai, eu na

cabine levando comida e café pra ele e depois eu dava uma volta de trator. E a minha adolescência foi assim. Outro lugar que era nossa diversão, e que meu pai também abriu, era o campo do Montanhês, mas a Cemig tirou e colocou aquelas torres. Era o único lazer que a gente tinha e tiraram de nós. Depois eles tiveram que mudar de acampamento, e vieram pra cá, pra dentro do Morro.



Um lugar que me marcou foi o espaço grande onde ele guardava os caminhões e os tratores. E nesse lugar, que meu pai fez o acampamento, tinha um chafariz que a gente chamava de ladrão, era um cano enorme que de vez soltava a água e a gente ficava lá de baixo tomando banho. É onde a Prefeitura hoje abriu a pracinha, uma coisa maravilhosa. No mesmo lugar que meu pai acampou. Vi a pracinha e lembrei do meu pai. Nesse lugar tinha um morrinho onde a molecada juntava, de tardezinha e nos fins de semana as pessoas se reuniam. Era um gramado lindo, tinha os sanfoneiros, que tocavam cavaquinho, violão. A gente tocava pandeiro. Ah, gente, que coisa linda. Então, enchia de gente. Uma levava uma quitanda, um suquinho. E era bom demais o comecinho da nossa favela. O mais importante é que tudo aqui foi com muita luta de muitos moradores. Muitos guerreiros, muitas guerreiras. E hoje as pessoas moram em um lugar onde tem um esgoto direitinho, água, luz essas coisas tudo. É nessa caminhada!



MARIA APARECIDA EVARISTO

Dona de casa e artesã



Minha família veio para Belo Horizonte e eu fiquei no colégio interno em Ponte Nova. Com 15 anos eu vim pra Belo Horizonte, pra estudar no Colégio Pio XII, mas aí eu pensei: *minha família está aqui, faz muito tempo que não vejo, vou procurar aonde eles estão morando*. Aí eu vim e encontrei minha mãe muito decadente, e pensei: *Acho que não vou estudar mais, vou trabalhar pra ajudar minha mãe*.

E não estudei mais. Fui para uns pontos lá, que ela trabalhava e ficava pedindo comida e pão, eu e meu irmão, porque antigamente a gente ganhava muitas coisas na rua.

Eu não tive adolescência, eu já fui trabalhar direto, ajudando minha mãe. Toda vida foi assim.

E, até hoje eu tô nessa luta.

Aí eu tive o meu primeiro filho,



eu ia fazer 19 anos, hoje ele está com 50 anos, depois que eu engravidei e o menino foi crescendo, arrumei um serviço na casa de família e fui levando a vida. E tô levando até quando Deus quiser. Houve uma época que as minhas filhas mais velhas cuidavam da casa e da minha caçula enquanto eu ia para o trabalho. Perdi meu filho assassinado, ele ia fazer 33 anos, e o meu filho Júlio que me deu muito trabalho, ficou preso. Eu já tive um problema de estresse, era muito estresse na minha vida. Era emocional, eu tomava remédio e nada. Isso deve ter uns 8 anos, e tô tomando até hoje.

Mas, a minha vida é uma vida de superação mesmo e agora melhorou bastante. A nossa a casa aqui era de adobe, aí eu conseguir arrumar, meu filho já bateu a laje e vai fazer a casa dele por cima. Tenho minhas amigas, algumas vêm aqui. E tem o grupo da terceira idade que agora vai voltar a funcionar. Hoje tenho os meus filhos, meus vizinhos. Tem a Dona Judith, a Dona Therezinha, a Dona Mariinha, essa é a minha mão direita. É isso que está me sustentando, porque os problemas nunca passam, mas eu estou sempre superando. E tem a Dona Fia que é uma ótima vizinha pra mim. E estamos juntas fazendo colchas de retalhos. Quando eu tô lá na casa de D. Fia mexendo com as colchas, eu tô livre de estresse.

Aí a gente vai vivendo.

A minha vida é uma vida de superação mesmo, e agora melhorou bastante.

FLÁVIA ROCHA SILVA

Filha de D. Izabel, antiga proprietária do Casarão Fazendinha



A minha história está ligada à história do Casarão Fazendinha. Ele significava tudo para minha mãe, era a vida dela. Ela não conseguia se imaginar fora dessa casa. Era a história dela, de uma mulher que viveu em uma casa de pau a pique e veio morar aqui. Uma tia

dela, doou à ela parte dessa casa. E anos depois, com muito sacrifício e trabalho, ela e meu pai conseguiram comprar. Para minha família essa casa conta a história de gerações. Mãe, filhos, netos e bisnetos. A história de progressão de vida de uma família que começou lá embaixo, enfrentou guerras, lutas pela sobrevivência e que hoje os filhos estão bem resolvidos.

A casa foi tombada em 1992, e minha mãe partiu em 2009, quando começaram as obras emergenciais, porque havia risco de queda, pois o barranco estava descendo e a promotoria obrigou a Prefeitura a fazer uma reforma. Fizeram vários reparos, e depois pararam. Em 2012 fecharam a casa, e em 2019 começaram com essa reforma que está agora. Hoje, a casa já não pertence a família, nos restou o entorno, onde eu e alguns irmãos construímos e permanecemos.

No dia que começaram a derrubar as paredes eu chorei porque estavam demolindo o quarto da minha mãe, e numa reunião com a Prefeitura, foi decidido que eles fariam um memorial no quarto dela, contando a sua história e da família. Mas não sei se farão ainda esse memorial. Eu não entro mais nessa casa, pois do lado de dentro, já não existe a minha história. Porque o gostoso de contar uma história é quando você pode mostrar algo. Isso aqui era isso, ali era aquilo. Quando você não tem mais o que mostrar, deixa de ser uma história verídica e passa a ser fictícia. Para mim, deixou de ser minha história e passou a ser somente um conto.

Fico pensando nas brincadeiras de criança que a gente tinha aqui. As nossas árvores que foram arrancadas, onde a gente escondia quando a mamãe ia bater na gente. E a jardineira do lado de fora, onde a gente passava horas escondido, esperando ela dormir, para voltar para dentro de casa. Eu fico olhando para elas, deterioradas agora e falo: *Estão melhorando, mas não vai ser a mesma coisa.* Falar dessa casa, traz para a gente uma emoção mui-

Para minha família, essa casa conta a história de gerações. Mãe, filhos, netos e bisnetos.



to grande, pois a minha história, da minha família, dos meus irmãos, foi jogada abaixo.

Até hoje eu não consigo falar disso sem me emocionar. É um projeto muito bonito, mas para mim é um projeto vazio. Vai ficar bonito, mas não é mais a minha casa, nunca mais vai ser. É uma história que foi bonita que minha mãe tinha prazer de contar, mas hoje não passa de paredes.

Conhecido também como Fazendinha, o Casarão da Barragem é localizado dentro do Morro. Estima-se que a sua construção seja de meados do Séc. XIX e que pertenceu a velha Fazenda do Cercadinho, uma propriedade existente, nas terras originárias de B. Horizonte. Pertenceu também a antiga Colônia Afonso Pena que funcionou na época da construção da cidade e como residência dos proprietários da Cerâmica Santa Maria, até os anos 1950. O imóvel foi vendido para D. Izabel que viveu nele até 2009. Em 1992, foi tombado pelo Conselho do Patrimônio Cultural de Belo Horizonte, como reivindicação dos moradores. Hoje, está sendo reformado para uso da comunidade.



SÔ ANTÔNIO

Presidente da Associação Comunitária de 1979 à 1988



Vou contar a realidade do Morro do Papagaio de uns anos atrás. Fui convidado para fazer parte da Associação. Terminei em 1979, o mandato do Luiz Costa, e depois fui eleito por 4 mandatos consecutivos, cada um de 2 anos. Então, ao todo fiquei na presidência da Associação Santa Rita de Cássia, de 1979 a 1988.

A situação era muito difícil, no Morro, não tinha água, não tinha luz, não tinha esgoto, telefone nem se fala. Não existia nada disso.

Com muita luta, muita garra, conseguimos colocar: luz, água e esgoto em toda comunidade. Isso foi um trabalho muito importante na minha vida. Quando eu chegava na casa do pessoal tinha luz acesa, havia televisão, então, mudou muito, mudou demais.

Outra coisa que me marcou muito foi um sopão.

Tinha uma época que chegamos a fazer 2.000 sopas por dia, para a comunidade. Foi muito sofrimento, naquela época, mas a comunidade me ajudou muito, me deu muito apoio. Eu fiz o que eu pude fazer.

Consegui na época, leite para muitas crianças na vila. Vinham uns tickets e eu passava para o pessoal comprar o leite nos comércios.

Só tinham aqueles becos apertadinhos, não tinha rua.

O que acontece hoje eu fico muito satisfeito de saber que a comunidade está bem, graças a Deus.

Tem escola, tem creche, as creches são muito boas para a comunidade. Hoje eles colocaram até Casa Lotérica no Morro, olha que maravilha, melhorou mais ainda.

Espero que esse trabalho continue, pois achei que eu consegui muita coisa para a comunidade.

E um detalhe, a comunidade hoje, eles vêm que o trabalho foi feito por eles mesmo, não foi ninguém de fora, foi a comunidade que trabalhou fazendo grupos

de trabalhadores, ganhando sim, mas trabalhando muito, não tinha hora para trabalhar. Na época de chuva, a gente saía no meio da noite para atender o pessoal e me chamava: *Seu Antônio minha casa tá caindo*.

Eu juntava algumas pessoas, para socorrer essas famílias. E ia para tirar o pessoal, tirar o barranco. Era difícil demais, uma loucura. E eu formei um corpo de bombeiros dentro da vila.

O que foi feito foi muito bom, hoje eu vejo assim. Eu passei por tudo isso, junto com meu povo, meu povo me abraçou, confiou em mim, e estamos juntos hoje. Cada dia que passa, cada pessoa que mora ali está dentro do meu coração.

Eu tenho certeza que o que foi feito, o pessoal nunca esquece.

A comunidade hoje, eles vêm que o trabalho foi feito por eles mesmo, não foi ninguém de fora, foi a comunidade que trabalhou.



RAIMUNDO DA COPASA

Presidente da Associação Comunitária de 1992 à 1998



Eu vim com a minha família do interior para cá, na década de 1980. Ouvíamos falar de Belo Horizonte e imaginávamos que aqui seria realmente um belo horizonte. E, viemos parar aqui na Vila Santa Rita. Ao chegar aqui nos deparamos com aquela situação precária e começamos a questionar que belo horizonte era esse que não tinha luz, as pessoas faziam fila para pegar água no chafariz, viviam misturadas com porcos, galinhas e o esgoto era a céu aberto. A gente não concordava com aquilo. O que precisaria ser feito para que aqui fosse realmente um belo horizonte? Percebemos que faltava tudo, só não faltava boa vontade dos moradores. E começamos a entrosar com as lideranças e a participar das reuniões na comunidade. Quando começamos a construção do CDC – Centro de Defesa Coletiva. A gente estava meio desorganizado e precisávamos de uma Associação que pudesse nos representar junto aos órgãos públicos. Na época, eu trabalhava na Copasa e a empresa aceitou o pedido de levar o saneamento básico para a comunidade. Conseguimos colocar um posto da COPASA dentro do aglomerado e eu tive o privilégio de ser o representante da empresa no local e a liderar um trabalho de saneamento por quase 30 anos na comunidade. O encanamento de água só existia, nas ruas

O meu sonho é que a gente possa realmente usufruir da tão sonhada cidadania.



principais, e começamos a levar a canalização para os becos, por meio de mutirões. A COPASA fornecia o material hidráulico, a gente conseguia areia, cimento e brita na URBEL e a mão de obra era da comunidade. Durante a semana a gente reunia, priorizava a região que estava em condições mais precárias e que tivesse mais pessoas à disposição para o trabalho, e a cada final de semana a gente ia para um beco.

A gente chamava as pessoas para participar de melhorias. Era uma festa. E, entre 1992 e 1998, eu acabei me tornando presidente da Associação de moradores. Esta articulação com a Copasa, de instalação de um Posto de atendimento dentro da comunidade foi tão exitosa que acabou sendo implementada em outras 5 regiões da cidade. Começamos também a incentivar as pessoas a cuidarem de hortas.

E fizemos também, vários manifestos para melhoria na segurança e na educação, pois as crianças tinham que estudar em outros bairros e acabavam sendo atropeladas, e, ao atravessarem a Avenida N. Sra do Carmo. Foi a partir destes manifestos que as autoridades começaram a ouvir a nossa comunidade. Foi assim, que a gente começou a ter algum êxito. Conseguimos a passarela e a construção da Escola Municipal Ulisses Guimarães que eu tenho maior honra de ter participado desta conquista que tem o nosso nome lá numa placa de bronze.

O meu sonho é que a gente possa realmente usufruir da tão sonhada cidadania. E que não houvesse essa desigualdade e preconceito contra as favelas. Que a sociedade enxergasse os moradores de vilas e favelas como cidadãos.

E tivesse a consciência de que cada pessoa pode realizar os seus sonhos.

JÚLIO FESSÔ

Liderança comunitária



Nasci e cresci vendo o Morro do Papagaio crescer, e até hoje estou aqui nessa Quebrada linda e maravilhosa. Minha infância foi espetacular, apesar de todas as dificuldades da época, é claro.

Sou do tempo em que as ruas e becos eram de terra e quando chovia era um “Deus nos acuda”. Por aqui tinha muito mato, árvores frutíferas, esgoto a céu aberto e também muita praga. Tinham muitos animais, como galinhas, porcos, cavalos, bois, cães e gatos. Vixe! E, disputávamos espaço com lacraias, ratos, escorpiões, percevejos, carapatos, pulgas, baratas e aranhas.

Água, era só na bica ou no “Ladrão”.

Enchi muito tambor pra assistir TV, o que era raridade na época. E quem fornecia a luz

Minha luta é fazer e trazer sempre melhorias para a qualidade de vida dos moradores e moradoras da quebrada.

era Sô Zé Felipe, ou Sô Pedro. Quem não tinha bico (gato) de luz, se virava com vela, lamparina ou lampião (que também era raro). Juntei ferro velho e garrafas pra trocar por pintinhos ou patinhos e pra comprar guloseimas no Sô Mador, no Sô Jão, no Sô Cassesse, no Sô China e por aí vai. Catei lavagem pra ajudar minha vó, Dona Chica (em memória) a cuidar dos porcos.

E, quando matava um porco aqui era uma festa, comíamos carne até passar mal. E, o que pra muitos hoje, é tira gosto a gente as vezes comia pra matar a fome, como a banana verde frita.

Ah! Que saudade das brincadeiras das antigas!

Cai no poço, Carrinho de rolimã, Rouba bandeira, Pegador de esconder, Bafão, Derrubar latinha, Bate estaca, Bolinha de gude, Finca, Arquinho, e por aí vai. As vezes ficávamos a madrugada inteira esquentado fogo e inventando histórias de assombração. E quem morava longe passava apertado pra voltar pra casa.

Hoje, beirando os 46, sou um Líder Comunitário, conhecido dentro e fora da Comunidade, e minha luta é fazer e trazer sempre melhorias e qualidade de vida para os moradores(as) da quebrada. Fazer parte dessa obra prima, que é este livro, para mim, não tem preço.



MEMÓRIA, FÉ E ANCESTRALIDADE

Moradores(as) do Morro do Papagaio relatam histórias, lutas, alegrias e festejos presentes nas guardas de congado dessa comunidade.

O congado foi a manifestação cultural , escolhida para essa publicação, entre as muitas, existentes no Morro.

Representa um legado de tradição, resistência e fé do povo negro nesse território.



DONA FIA

Rainha de Santa Efigênia da Irmandade de Congo e Moçambique de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito do Morro do Papagaio



A coisa que eu acho muito linda e me emociona no congado, é na hora que bate a campanha. É alegre, é colorido.

Eu mudei para cá nos anos 1960, eu, meu pai e meus irmãos. Minha família era congadeira em Itaúna, meu avó era capitão lá. Eu cheguei com uns 19 anos e conhecemos a D. Maria e Sô Dandico. Eles estavam preparando a festa da Guarda de D. Bela (da Serra), Sô Dandico era capitão lá. E D. Maria me convidou para ir na festa. Chegou lá, eu fiquei encantada, parecia que aquilo tava no sangue. Eu chorava. E eu falei com D. Maria que eu queria entrar para o Congado. Pedi o meu pai e ele autorizou. E fui toda importante. e fui coroada como rainha de Santa Efigênia. Me colocaram na frente no cortejo, junto com o rei Congo. Nesta ocasião, sugeriram ao Sô Dandico, criar a guarda aqui no Morro.

Ele gostou da ideia. Já tinham as rainhas, D. Maria e eu, e muitos dançantes que eram da Guarda de lá, e ficaram morando aqui na favela, porque foram despejados. E assim começamos.



No primeiro ano, Sô Dandico foi fazendo as caixas, chique-chique, as campanhas, e os meninos foram chegando. D. Maria comprou cetim, renda e foi levando para as costureiras. Todo mundo ficou uniformizado. D. Maria era uma guerreira, ela era lavadeira, e eu não sei como ela conseguia fazer tudo isso. E foi num quarto com uma cama, uma bancada e uma mesinha que começamos, a enfeitar as imagens de Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia, com buquês de papel crepom. E foi a festa, foi aquele bate, foi um sonho. Teve o almoço. E esse beco aqui não cabia de tanta gente. Vieram os grandes da federação. Foi uma maravilha. A gente passava a noite arrumando o reino, a casa, vinham as doações, as cozinheiras e os caixeros. Depois, construíram a capelinha. D. Maria e de Seu Dandico tinha o trono coroado de todas as rainhas, de todos os reis, e das princesas, e todos os estandartes e tendões, que são os estandartes que as rainhas vão carregando na frente. A coisa que eu acho muito linda e me emociona no congado, é na hora que bate a campanha. É alegre, é colorido. E, eu me emociono muito quando eu escuto, o cântico de entrar numa igreja, pedindo pelo amor de Deus para abrir a porta. Eu acho lindo essa entrada. E depois, comecei a fazer os andores. E o primeiro que eu fiz foi o de Santa Luzia. E agora, todo ano a eu faço os andores com as minhas filhas. As vezes a gente esquece muita coisa. Mas a essência do nosso congado é essa.

FÁBIO EVARISTO

Capitão da Irmandade de Congo e Moçambique de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito do Morro do Papagaio

Eu sou um coletor de histórias e vou começar a contar nossa história assim...

De um lado “Pitanga” e do outro “Amora”.

É o beco do Reinado da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário.

E foi em um beco entre um pé de pitanga e outro de amora que tudo começou, lá em meados do ano de 1949. Quando um casal que se conheceu nas festas de reinado do bairro São Cristovam e Concórdia em Belo Horizonte, resolveu dar início aos festejos na comunidade do Morro do Papagaio. Com a ajuda e a participação de amigos e vizinhos, Tia Maria (Maria da Conceição Santos) e Tio Dandico (João Evangelista dos Santos), como eram conhecidos, formaram a Guarda de Moçambique de Nossa Sra. do Rosário. E que foi registrada em 1955. Foi um longo processo até reunir membros suficientes, e orientá-los sobre o significado do Reinado (Congado), passando a estes, todo o fundamento deste seguimento de fé, cultura e religiosidade.

Detalhe: este mesmo beco, recebeu o nome de Beco Nossa Senhora do Rosário, devido



E foi em um beco entre um pé de pitanga e outro de amora que tudo começou.

a localização da sede. A guarda passou a ser chamada de Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, quando Tia Maria deu o aval para a formação da Guarda de Congo de São Benedito, a pedido de suas netas, criando assim uma Guarda de mulheres. Pois até então, a participação das mulheres era restrita dentro das irmandades à função do corpo feminino, lavar, passar, cozinhar, e então formamos a guarda feminina. Nesta ocasião formou-se uma outra guarda de igual importância e valor na comunidade, a Guarda de Marujos de São Cosme e São Damião, fundada comandada por José Bonifácio e seu compadre Agostinho, hoje presidida pelo Capitão Eudes Cornélio Gonçalves e Maria das Graças. Deste tempo até hoje, os festejos são ininterruptos, sempre acontecem no meses de janeiro, junho, setembro, outubro e dezembro e recebem Guardas, irmandades de várias cidades e bairros circunvizinhos. Dentre estas guardas a que mais chamava a atenção era a dos caboclinhos do Divino, pois as vestes eram feitas de penachos, sem falar na atração que faz a festa da criançada, o bumba meu boi, o “boi do rosário”.



SÔ EUDES E DONA GRAÇA

Capitão e capitã da Guarda de Marujos Cosme e Damião
e Nossa Senhora do Rosário



Eu tenho muito orgulho e muito amor pela Guarda.

Relato com a colaboração de Dona Graça, capitã da Guarda feminina e da Guarda Mirim desde os anos 1970.

Eu tenho muito orgulho e muito amor pela Guarda. Talvez o início da Guarda tenha sido por volta dos anos de 1950. E a partir dos anos 1970 ela passa a ser composta também por mulheres e crianças. O primeiro líder do Congado foi Luiz Miranda. O meu pai, o Jose Bonifácio de Oliveira, seguiu o legado e foi comandante da Guarda por muito tempo. Ele trabalhou muito pelo Congado e além disso, era presidente aqui e de quatro outras favelas, era como chamava o que hoje conhecemos como liderança. Ele fez muitos melhoramentos na favela e ajudou muitos moradores. Por causa do seu envolvimento com os movimentos nas comunidades, ele foi preso em 1964 pelo regime militar. Ele faleceu em 1978. O que ele deixou para nós foi o Congado. E hoje uma das ruas do bairro leva o seu nome.

No início, a Guarda ficava dançando somente no Morro, talvez em 1975, fizemos uma pri-

meira apresentação na Afonso Pena, na Praça da Liberdade e na antiga Secretaria de Educação. Depois disso, passamos a levantar a bandeira em vários lugares.

A Guarda é como uma família para mim.

Eu casei no Congado, casei na Igreja Santa Rita, e queria com a guarda batendo, mas o padre não gostava do Congado. Cada membro da Guarda tem uma função.

E têm os festejos que acontecem nos dias das festas, quando as guardas se reúnem para fazer a procissão. O cortejo é onde vai uma Guarda atrás da outra, carregando o andor, seguido dos cantos.

Os nomes, Guarda de Congado e Guarda de Moçambique significam a mesma coisa, só que lá fora na roça, no interior, no sul de Minas, eles falam Congada.

Aqui a gente fala Congado ou Guarda. Mas na realidade, tá todo mundo certo.

Dona Graça conta que ela ajuda com as fardas, as roupas, com os enfeites das bandeiras e a comunidade ajuda fazendo doação com o fardamento, com a alimentação e com os brindes para as festas.

*Cosme e Damião chegou
Cosme e Damião chegou
Cosme bate caixa
Damião bate tambor
Cosme dá Remédio
Damião é curador
Viva Cosme e Damião!*



CONGADO

Afirmação de luta e fé do povo negro



Como parar com a religiosidade de um povo, seja ela qual for. Ninguém tem esse direito.

O congado é a luta de um povo para mostrar e para firmar a sua fé. A luta de um povo para se introduzir em outro país, para unir uma nação, unir nações, para unir fé. Os negros quando vieram para cá eles não eram considerados gente, eles não tinham direitos nenhum.

Vieram da África, com a religiosidade firme, vieram reis, princesas, rainhas escravizadas. E para firmar a sua fé, o negro buscou louvar. E pela força da fé, das tradições, e para poder conviver aqui, formar uma nação e continuar com a sua fé, eles traduziram o congado. Saíram na rua, louvando e agradecendo. É isso que nós fazemos. A dança é um louvor, o cântico é um louvor. O congado é um louvor, é uma afirmação de fé e de amor. Então, como parar com a religiosidade de um povo, seja ela qual for?

Ninguém tem esse direito. Nós, negros e brancos, nós não somos nações separadas, se pensarmos em união de povos, somos todos iguais, somos todos irmãos. O fundamento do Congado, é em busca da fé, busca da união de povos, em busca da luta contra o preconceito, o orgulho, a vaidade, a inveja a escravidão que existe até hoje.

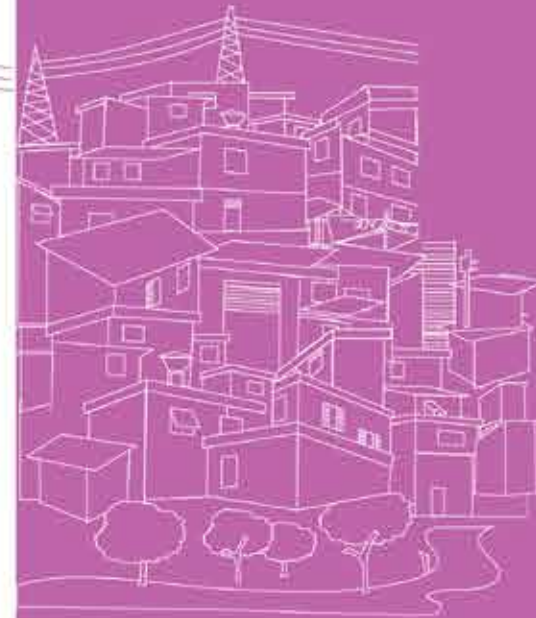
Somos movidos pela fé. Só pela fé.

Dona Fia



O MORRO EM LETRAS, CORES E ARTES

Artistas do Morro “falam” sobre suas visões e experiências nesse território, por meio de ilustrações, fotografias, poemas, crônicas e pinturas, carregadas de expressividade e de identidade.



CATARINA GONÇALVES

Integrante do Coletivo Isso não é um Sarau e do Muquifu



Vizinhança

Pela manhã não acordei com o canto do galo vizinho. As batidas ressoavam fortes ao meu ouvido. Cheguei à janela e percebi que mais uma casa estava sendo derrubada. Entre o barulho e a poeira, fechei os olhos e tentei imaginar como era aquele local antes da chegada de projetos e programas de urbanização de vilas e favelas. Logo, me vieram meus vizinhos e algumas de suas histórias, afinal, moro em um *território de sangue quente*, no qual há vida. Quando meus vizinhos chegaram ao Aglomerado Santa Lúcia, trouxeram entre as trouxas de roupa a esperança de encontrarem melhores condições de vida na capital mineira. A favela não era o paraíso, mas ali se estabeleceram fazendo frente aos problemas, que iam sendo resolvidos pela luta diária de seus moradores. Nem bem o galo cantava, escutava o som dos portões sendo fechados. Rose saía cedo e sempre chamava a vizinha do lado para irem juntas ao trabalho.

O que ela não sabia é que escutei por diversas vezes o som do seu assobio e que ele

me despertava para ir à escola. Lembro-me bem da sua casa. Era de alvenaria, tinha telhado de amianto e uma grande bananeira do lado de fora. Uma casa como outras presentes na favela, se não fosse a presença dela e de seu marido. Eles adoravam escutar música alta aos sábados e sempre comemoravam seus aniversários diversas vezes ao ano. A mãe de Rose morava ao lado da casa da filha.

Era uma senhora muito séria, alta, magra, com muitas marcas de expressão no rosto, mostrando o quanto já havia vivido. Com sotaque interiorano carregado, pedia a filha que abaixasse o som e fosse dormir. Pois logo, logo o galo cantaria. Dito e feito. O canto do galo era estridente e soava como despertador para muitos que iam ao trabalho ou que iniciavam os seus afazeres domésticos. Amélia, dona do galo, levantava cedo para fazer o café. Gostava muito de cozinhar em seu fogão à lenha. Sua casa era bem diferente das outras que ocupavam o beco Boa Esperança. Seu telhado colonial destacava entre os de amianto, o chão de terra batida, sempre limpinho, contradizia aqueles que viam com maus olhos o tempo passado. Dentre as casas construídas recentemente, a que mais se destacava era a do José, devido à decoração de azulejos no teto. Nunca havia visto isso em lugar nenhum. Lembro-me até hoje do dia em que ele resolveu “bater” a laje. Sua esposa fez a comida e diversos amigos que moravam ao entorno de sua casa foram ajudá-lo.

Prepara concreto daqui, prepara armação dali. Em algumas horas, a laje estaria pronta concretizando um grande sonho. Mas, o sonho desmoronou. Alguns anos depois representantes da prefeitura solicitaram que os meus vizinhos deixassem suas casas, devido à construção de uma rua no local. Ali haviam construído uma vida, criaram filhos e netos, fizeram amigos, tinham todo um modo de vida. A prefeitura “deu” a eles duas opções. A primeira seria lhes pagar uma quantia em dinheiro, com a qual não conseguiriam comprar um cômodo debaixo da ponte, ou ainda, poderiam morar de aluguel até serem construídos os “apertamentos” ao redor da favela para os quais seriam realocados. Como não queriam sair dali, muitos resolveram então ficar com o “apartamento” e procuraram casas de aluguel na mesma favela, o que não foi fácil, pois com a chegada dos programas e projetos de urbanização e a possibilidade de indenização, o valor das casas e do aluguel subiu muito, ou melhor dizendo, o valor pago pela prefeitura era irrisório comparado ao preço das casas. Alguns deles conseguiram casas de aluguel em outra vila. Não era a casa que haviam planejado e construído, mas ainda continuariam morando na mesma favela. Com muita tristeza vi muitos dos meus vizinhos deixarem suas casas, amigos, uma história de vida inteira para trás. Abri os olhos novamente, senti um grande vazio vendo apenas sonhos aos pedaços



LEIDIANE N. VITAL

Poetisa



Entre negros e brancos (Rap)

O que muda? é só a cor ?
só vejo gente ignorante
Eu sou negra, favelada e dai?
Eu sou feliz tenho o próprio jeito de ser
E você? O que me diz ?
Em minha casa não existe,essa besteira cor
minha família é unida ,me educa com amor.
Me diz até quando
Eu vou ter que pagar
pelo seu da sabor
é preto ofendendo branco
é branco ofendendo preto
Me diz pra que essa besteira
Se dizem que a nossa luta é contra o preconceito?
Vejo brancos Humilhados
Vejo negros também humilhados
nosso país é mestiço,
mas não respeitam ninguém
se entra o dinheiro sai o coração
um mundo seus sentimentos
mas se preocupam com educação .
Tenho 16 anos, não sei se vou suportar
um futuro tão incerto lá na frente a me aguardar
padecem até quando?
essa conta eu vou te que pagar ?
Tenho uma mão branca, tenho um pai negro,
mas sabem o que importa
ombros me ensinam a respeito.
Quando saio nas ruas

vejo gente preocupada
com tamanho preconceito
fica exposto nas calçadas
isso tudo é muito triste
me sinto angustiada
com tamanho sofrimento
pra que esse tormento?
Se desse mundo não levamos nada?
Criança feliz feliz a cantar .
Negra, branca, pobre favelada
será mesmo que a criança é assim
tão desgarrada de apoio e de compreensão
deveriam apenas brincar
sem nenhuma preocupação.
Agregam-se a tudo e a todas
não mantém uma posição meu deus
como são confusas
como encontrarão a solução?
Para umas, Deus vive
Pra outras, ele não existe não
vivem aos trancos e barracos
Seguem a vida sem noção
percam a sua essência
não queremos isso
não vamos pagar essa conta
para o preconceito não .
Seja brancos seja negros
somos brasileiros irmão.

ALEXSANDRO TRIGGER

Artista visual

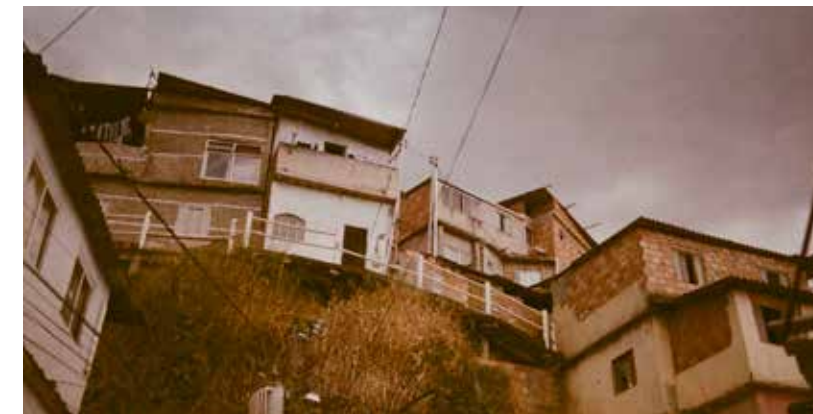


Nascido e criado aqui no PPG (Papagaio), hoje tenho 27 anos. Sou artista visual formado pela Escola Livre de Artes Arena da Cultura e sou graduando em museologia na UFMG. A maioria das minhas produções giram em torno do Morro, e começaram por volta de 2012, com a intervenção urbana e o meu envolvimento com o movimento Hip Hop, e que se estendem até hoje em diversos tipos de suportes, técnicas e ações. Trabalhar com arte foi uma saída entre as várias possibilidades que tive. O contato com professores e equipamentos culturais daqui do Morro, definitivamente, foram pontos chave para esta tomada de decisão. Hoje, poder atuar junto com as juventudes do PPG, trabalhando com arte/educação é fruto de muita correria minha e dos que vieram antes de nós, para fortalecer nossa caminhada. Por isso sempre digo que se estamos aqui nessa frente hoje, é nosso dever abrir caminho pros próximos que virão. Hoje minhas principais formas de atuar aqui na quebrada são: com arte/educação, nos meios culturais, organizações, associações

e com a minha produção artística. Atualmente estou à frente do Muquifu, integrando um coletivo diverso e potente.

Atuo também no coletivo *Isto Não É Um Sarau*, que realiza ações diversas aqui no Morro. Fora, participo de mais 4 coletivos artísticos/culturais.

De uns tempos pra cá, eu venho percebendo a necessidade de disputarmos outros interesses e de consolidarmos nossos saberes e construções em outros campos e por isso entrei na universidade, algo que relutei por anos. Hoje eu entendo que isso é um mecanismo fundamental para a nossa emancipação, enquanto sujeitos de quebrada e para nossa existência nos campos simbólicos e da educação. Por isso, o PPG vai comigo estampado na pele, e em todas as minhas produções.



ANDRÉ FELIPE

Artista visual



Desde criança eu desenho, isso fazia parte das brincadeiras da época de infância e fui me encontrando cada vez mais na arte. No começo, meus amigos eram as minhas influências, eu queria desenhar como eles. Usávamos os programas de TV para nos inspirar, a cultura dos animes e HQs. Eu desenhava o que eu consumia de cultura pop, tudo que era forte naquele momento. Aprendi a desenhar e a pintar praticando e estudando. No começo era só pela diversão, mas conforme o tempo foi passando a vontade de trabalhar com arte cresceu e passei a consumir tudo o que eu tinha acesso sobre arte. Conforme fui estudando sobre arte passei por vários estilos e me encontrei no desenho surrealista figurativo, já que ele me possibilitava trabalhar de forma abstrata e realista ao mesmo tempo. Para me inspirar, uso como temas tudo aquilo que me incomoda, principalmente problemas sociais, como consumismo, violência contra mulheres e crianças. Mas as vezes desenho só por diversão.

Neste trabalho desenhei a favela, onde o céu representa sonhos em um infinito e um universo desconhecido.

As vezes sonhos, é só o que temos.



FABIANO VALENTINO

Artista, pintor e educador



Sou Fabiano Valentino, todos me conhecem no Morro do Papagaio como Pelé. Sou artista plástico, pintor e meu estilo de trabalho é retratar a favela, o cotidiano dela, o seu dia a dia. Minhas obras, meus trabalhos são voltados para isso. Desde moleque, eu sempre gostei de desenhar e rabiscar muito. E, quando eu era criança e adolescente eu costumava ir no serviço da minha mãe que era faxineira, e via nas casas das patroas dela, quadros de cidades históricas, como Ouro Preto, Diamantina e nunca via pinturas da favela. E pensava: *Eu consigo fazer isso*.

E com o tempo vi que era essa a minha pegada. Aprendi a pintar com o que eu tinha em mãos e com os artistas aqui do Morro que começaram a me incentivar e a me ensinar. A minha primeira pintura de rua foi uma Santa Ceia que fiz em homenagem a minha avó que era católica, e era o quadro que ela mais gostava.

Com um grupo de amigos comecei a pintar na rua. E com o tempo passei a fazer letreiros nas fachadas dos comércios,

creches e painéis e a ganhar dinheiro com isso e não parei mais.

A caminhada foi longa. E, hoje aqui no Morro, tudo que precisam para pintar me chamam.

Além das telas, procuro expressar com todos os tipos de materiais, em camisas, muros e qualquer objeto e suporte, a gente tenta retratar a favela. Eu não pinto quadros só por pintar, cada um tem sempre uma história.

As vezes eu tô ali conversando com uma pessoa na rua e ela tá me contando um caso, e ali eu já tô criando um desenho dentro da ideia daquela pessoa. E também gosto de falar de temas como racismo, desigualdade, e principalmente sobre a discriminação de quem mora na favela. A pintura para mim é um protesto, é uma forma de atingir as pessoas, com a arte e com as palavras.

Arte é assim “a gente aprende com ela todos os dias”.





Exposições:

2016 – 13ª Exposição “Meu Olhar sobre a Favela

Colégio Marista – Belo Horizonte

2015 – Exposição de Pinturas em tela

Expominas Belo Horizonte.

2014 – I Mostra Itinerante do Muquifo

Palazzo Liviano em Pádova –Itália

Painéis:

Sede do Muquifu

Morro do Papagaio – Belo Horizonte

Hospital Santa Casa de Misericórdia

Ala das crianças – Belo Horizonte

Sede do Programa Fica Vivo

Morro do Papagaio Belo Horizonte

Beco Negrês – Coletiva de jovens artistas

Festival de Arte Negra Belo Horizonte – 2019

Painel Direitos Humanos

CRAS Pampulha – Confisco – Belo Horizonte

Premiações:

2017- Reconhecimento no Programa Escola Inte-

grada – SMED – Prefeitura de Belo Horizonte –

2009 Finalista no Prêmio Péter Murányi Educação

Projeto “Colorindo meu caminho

2001 – Prêmio Gentiliza Urbana

IAB Instituto de Arquitetos do Brasil – BH 2001

Troféu Quilombo do Papagaio- 3 Semanas de paz

e cidadania – Personalidade do Quilombo

Morro do Papagaio – Belo Horizonte



LEANDRO DUARTE BECA

Artista visual e educador



Minha trajetória artística está profundamente ligada ao contato cultural e social com a cidade de Belo Horizonte, principalmente por meio da arte urbana, o *graffiti*, o lambe-lambe o *sticker*, linguagens construídas no trabalho com as crianças em ONGs e programa sociais que participei, como educador e nas poéticas realizadas com os coletivos: *Trajeto Itinerantes* e *Brava*.

Na vida acadêmica venho trazendo a soma dessas vivências adquiridas na escola e na rua.

O resultado dessas confluências é a pesquisa que venho desenvolvendo em desenho afrocêntrico, intitulado *Onibaje* que significa sensualidade na língua Yoruba, onde proponho uma narrativa ligada ao corpo negro na sua diversidade e sensualidade, incorporando temas ligados à natureza e à minha ancestralidade negra e indígena.

Trata-se de um diálogo sobre pertencimento, emancipação, en-



quanto homem preto e favelado. E que inclui lugares por onde passei, a exemplo do Morro do Papagaio, território de pluridiversidade, de resistência e de luta, onde se encontram moradores e artistas notáveis.

Mesmo morando por pouco tempo no Morro tive a oportunidade de somar com projetos como a Rua do Livro e agora com o livro *Morro do Papagaio: Artes e Contos que encantam*.

Me sinto extremamente lisonjeado por fazer parte dessa ação, por contribuir para a valorização histórica dos moradores e desse local a qual me sinto pertencente.

RAMON PAIXÃO

Arte educador, dançarino e pedagogo



(R)existe

Paixão!

Conta, o conto?

histórias ou estórias?

Resisti!

Memórias em fase;

fases da memória.

Memorando!

Existe!

Ancestral, ancestrais e ancestralidades;

ao nascer da infância as infâncias;

criança, ciranda da gira que anda.

(R)existe

Na adolescência um lapso;

da juventude um passo;

no compasso;

Resisti!

Em “Um país chamado Favela” com diz: MEIRELLES e ATHAYDE, digo de vários lugares, porém de um lugar mais do que especial, onde nasci, cresci e (sobre)vivo até o dia de hoje, no qual falo de boca cheia de onde vem os meus ancestrais, que foram sequestrados, violados e expulsos de seus lugares de origem.

O lugar de onde venho chamo de Morro do Papagaio ou PPG, que sofreu e sofre diversos ataques de apagamento de nossas memórias na construção de novos nomes como: Aglomerado Santa Lúcia; Vila Santa Rita de Cássia. Situada em uma área nobre da Cidade, apesar de estar à margem do que foi planejado para Belo Horizonte, nossa comunidade.
(R)existe.

Memória de Dona Lúcia!
Lourenço ou Sobrinho;
Puri, Italiana ou Capixaba?
De Espírito Santo, Minas Gerais.

Existe!

Memórias do Sr Jader!
Clemente e Ferreira;
Puri, Italiana ou Capixaba?
De Espírito Santo, Minas Gerais.

Resisti!

Memória de Dona Marieta!
Perpétua ou Atanásio;
no laço o nome
nas Minas Gerais de Santa Maria de Itabira,
ou de outro continente.

(R)existe!

Memórias do Sr José!
Arsênio ou Paixão;
na memória a história;
nas Minas Gerais de São João Del Rei,
ou de outro continente.

Existi!

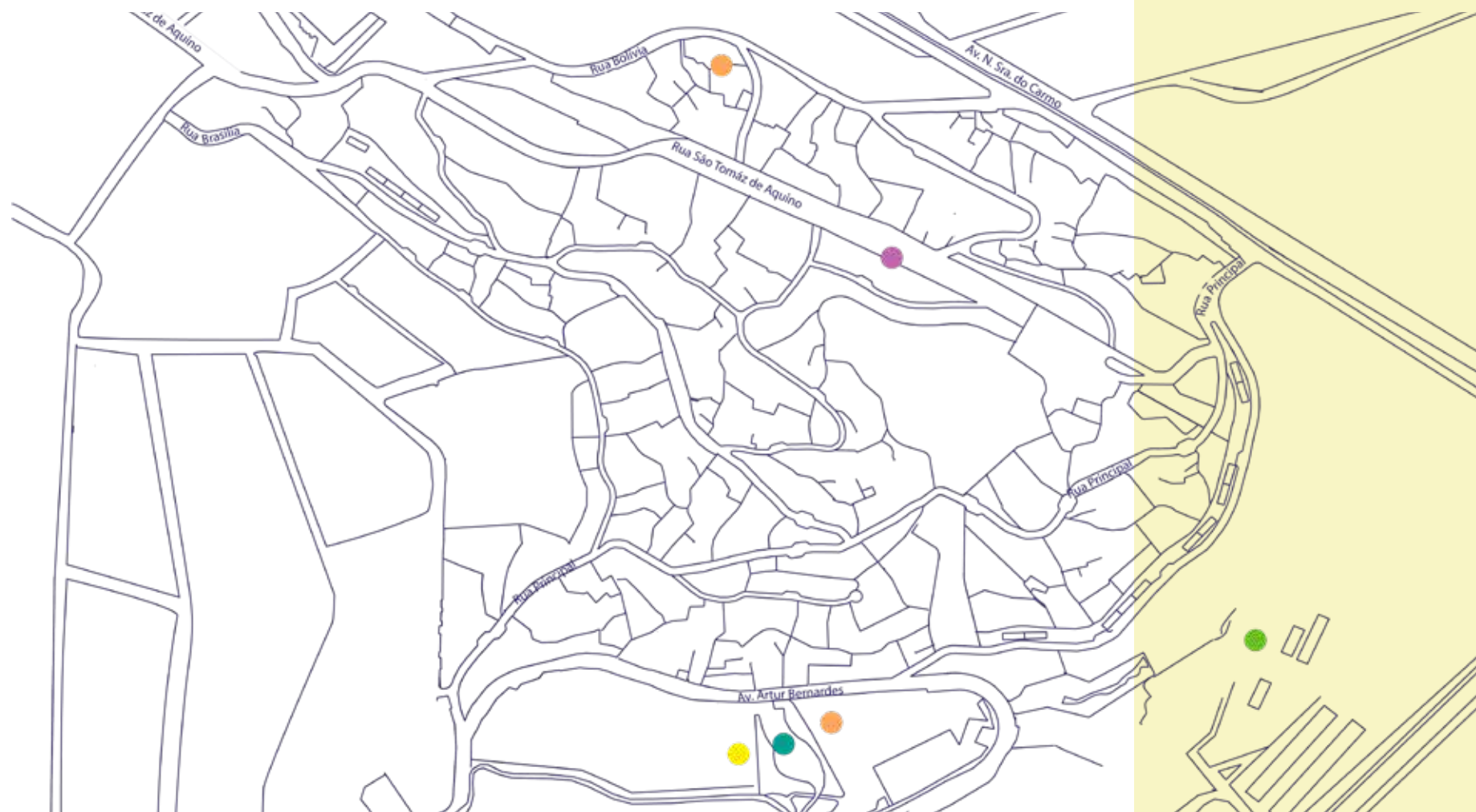
O encontro de duas famílias, na busca de uma melhora de vida, rumo ao Curral Del Rei, se constituíram e criaram suas famílias, às margens da Cidade planejada em um lugar Belo que chamo de Favela do Morro do Papagaio, onde das quatro pontas só se vê ou via o verde da natureza e os cantos dos pássaros, de onde se vê o mais lindo nascer e pôr do sol, onde a lua bate e ilumina e (R)existe.

Memórias de quem cuida;
Rosilene lá de Hematita;
Geraldo lá do Morro do Papagaio;
conexão ou destino, 7 de março.

Resisti!

Natureza bruta, fluida;
Paixão, Daisy e Jamille.
conexão familiar;
reencontro.

(R)existe!



AS CRIANÇAS NO MORRO

Crianças e adolescentes foram convidadas a mostrarem o que gostam de fazer, os locais e as suas paisagens preferidas no Morro, por meio de desenhos e relatos.

O intuito é incentivar a expressão, a imaginação e o olhar das novas gerações e possibilitar que conheçam ainda mais, as potências desse território, cheio de histórias, talentos e potências.

Maryana Jácome e Maria Luiza Viana



DEBORAH VITÓRIA S. SILVA

Tenho 11 anos. Eu gosto muito das paisagens aqui, gosto de brincar no parquinho com as minhas amigas, de andar de patins, de andar na pista, tomar açaí e fazer outras coisas. Fiz este desenho do Predinho, onde a gente morou por 4 anos, e outro de onde moro hoje. lá foi muito legal e divertido, eu fiz muitas amizades. Espero que tenham gostado. Beijos!



ADRYAN JUNIO F. CAMPOS

Tenho 10 anos. Eu gosto muito de brincar e jogar bola Eu gosto muito do Morro, gosto de brincar no campo. Meu desenho é sobre o campo de futebol. Eu gosto de estar participando desse projeto, que ele é muito legal, eu já participei no ano passado e foi muito bom.



ALICE EMANUELLY S. SANTOS

Oi, tudo bem? Eu tenho 7 anos.
Fiz um projeto de um menino no parquinho passeando com sua cachorrinha que chama Mel e uma menina que tava andando lá... lá na floresta e ela é bonitinha.

NATHALY CRISTINA S. CUNHA

Tenho 11 anos. Eu fiz esse desenho, porque ele é muito importante pra mim, a igreja. Ela me ajuda bastante. Eu ja fiz várias orações pedindo para Deus abençoar minha família, tirar todas as barreiras que estavam na minha frente. Então, essa é a importância da igreja para mim.



THALITA DE JESUS FERNANDES

Tenho 9 anos. Eu fiz o desenho da praça porque lá me lembra uma pessoa muito especial que não está mais aqui entre a gente. Essa pessoa é o meu pai, ele me levava na praça e a gente jogava bola, eu corria e andava de bicicleta. Mas, minha mãe me levava todos os sábados e domingos. Eu andava de bicicleta brincava lá, mas com essa pandemia não estou mais andando, só estou em casa. Beijos e tchau.



YSABELLA A. DOS SANTOS

Tenho 12 anos. Eu gosto da comunidade porque tem várias lojas aqui perto e eu gosto das pessoas. Podia voltar as coisas na Barragem, pois o lago é muito legal. Eu também gosto muito dos projetos que acontecem aqui, das pinturas nas escadas e dos livros. É isso!





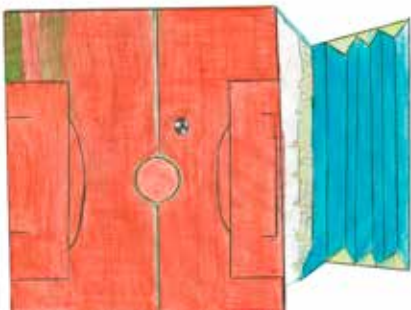
Alice



Ysabella



Thalita



Adryan



Ysabella



Nathaly



Isabella



Deborah



POR MAIS ARTES E CONTOS ...

Espera-se que esse projeto estimule as pessoas a conhecerem mais as memórias, as lutas, as conquistas e as diversas expressões artísticas e tradicionais existentes nesse território. E inspire outros(as) moradores e moradoras a compartilharem também suas histórias.

Ficha Técnica

Projeto Morro do Papagaio 50 Mais

Organização:

Maria Luiza Viana
Maryana Jácome

Realização:

Projeto Rua do Livro Morro do Papagaio
Movimento Eu Amo Minha Quebrada

Proponente:

Sínésia Garcia

Equipe:

Leandro Duarte Beca
Júlio Fessô
Maria Luiza Viana
Maryana Jácome
Rosemary Oliveira
Sínésia Garcia

Editoração:

Maria Luiza Viana
Leonardo de Oliveira Gomes

Projeto Gráfico

Maria Luiza Viana

Capa:

Fabiano Valentino
Maria Luiza Viana

Entrevistas:

Leandro Duarte Beca
Júlio Fessô
Maria Luiza Viana
Maryana Jácome

Transcrições:

Leandro Duarte Beca
Maria Luiza Viana
Maryana Jácome
Rosemary Oliveira
Viviane Gonçalves

Revisão:

Maria Luiza Viana
Maryana Jácome

Fotografias :

Brenda Laura
Estúdio Olhar Para Dentro
Igor Carvalho
Isabela Bethônico
Júlio Fessô
Leandro Duarte Beca
Maria Luiza Viana
Stúdio César Augusto
Walef Rocha

Agradecimentos:

Artur Corradi, Bruno Rangel, Chark Duarte, Eduardo
Maia, Leonardo de Oliveira Gomes e Equipe da Casa
do Beco

Idealização:



Índice de Fotos e Imagens

12:	Autor: Leandro Duarte Beca	37:	Fotos A, B e C – Fonte: Studio César Augusto
13:	Foto: Grupo de Teatro Entre Elas – Casa do Beco Autor: Carol D’alessandro	40:	Autor: Walef Rocha
14:	Autor: Leandro Duarte Beca	42:	Autora: Catarina Gonçalves
16:	Autor: Estúdio Olhar Para Dentro	43:	Fotos A e B – Autora: Catarina Gonçalves
17:	Foto A: Aglomerado Santa Lúcia – Fonte: Acervo: SUDECAP/PBH Foto B: Favela Morro do Papagaio (1969) – Fonte: Labo- ratório de Fotodocumentação Sylvio de Vasconcellos – Escola Arquitetura/UFG Foto C: Autora: Maria Luiza Viana	44:	Autor: Leandro Duarte Beca
18:	Autor: Júlio Fessô	46:	Autora: Laura do Vale
19:	Autor: Júlio Fessô	47:	Fotos A, B, C – Autor: Alexandro Trigger
20:	Autor: Leandro Duarte Beca	48:	Autor: André Felipe
21:	Fotos A: Casarão Fazendinha – Fonte: Jornal O Tempo 26/06/2016 Fotos B e C – Fonte: Família de Flávia R. Silva	49:	Ilustração: Sonhos – Autor: André Felipe
22:	Autora: Maria Luiza Viana	50:	Autora: Isabela Bethônico
23:	Foto A, B – Fonte: Sô Antonio Foto C: Favela Morro do Papagaio (1969) – Fonte: Labo- ratório de Fotodocumentação Sylvio de Vasconcellos – Escola Arquitetura/UFG	51:	Pintura: Moro onde não Mora Ninguém – Autor: Fabiano Valentino
24:	Autor: Igor Carvalho	52:	Pintura: O menino do Morro quer ser Rei – Autor: Fabiano Valentino
25:	Fotos A, B e C: Arquivo: Raimundo Nonato	53:	Pintura A: Gestação – Autor: Fabiano Valentino Pintura B: Mão de Deus – Autor: Fabiano Valentino Pintura C: Pedac�o de Chão – Autor: Fabiano Valentino
26:	Autor: Chark Duarte – Montagem: Junia Moraes	54:	Autora: ViviUaiss
27:	Fotos A e B – Fonte: Júlio Fess�	55:	Pintura: Sem Título – Autor: Leandro Duarte Beca
30:	Autora: Brenda Laura	56:	Foto: Ramon Paixão – Título: XI Pr�mio Zumbi de Cultura 2020 – Autor: Leandro Duarte Beca
31:	Fotos A, B e C: Autora: Brenda Laura	62:	Foto: Débora – Autora: Naiara B. Silva Foto: Adryan – Autora: Samara F. Santos Foto: Alice – Autora: Samara F. Santos
32:	Fonte: Studio César Augusto	63:	Foto: Nathaly – Autora: Jussara Soares Foto: Thalita – Autora: M. Aparecida Santos Foto: Ysabella – Autora: Kellen Oliveira
33:	Fotos A, B e C – Fonte: Studio César Augusto	64:	Ilustração: Alice E. Santos Ilustração: Ysabella A. Santos Ilustração: Thalita J. Fernandes Ilustração: Adryan J. Campos
34:	Autora: Leandro Duarte Beca	65:	Ilustração: Nathaly C. Cunha Ilustração: Deborah V. Silva
35:	Fotos A, C e D: Arquivo: S� Eudes Fotos B – Autor: Leandro Duarte Beca		
36:	Autor: Stúdio César Augusto		

MORRO DO PAPAGAIO





PATROCÍNIO



PRODUÇÃO



REALIZAÇÃO

SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA
MINISTÉRIO DO TURISMO

